

NOTA MCP - ELEIÇÕES E A CENTRALIDADE POLÍTICA DAS QUEBRADAS

Lutar para que a periferia seja centralidade na gestão pública municipal é e sempre foi a ordem do dia dos movimentos periféricos. Esse pedaço da cidade, historicamente excluído e abandonado, apareceu com força no slogan das diversas candidaturas e plataformas políticas. Entretanto, se analisarmos bem, poucas ou quase nenhuma candidatura saiu organicamente da organização das quebradas. Essa disputa de narrativas mexe diretamente na dinâmica eleitoral e o resultado vai revelando a enorme crise do campo progressista popular em articular e mobilizar o projeto de cidade que promove direitos e qualidade de vida real para as periferias.

Existem alguns bons fatores que mergulharam a esquerda nessa crise, contribuindo para o avanço da extrema direita e da centro-direita na capital, no estado e por todo o País. A ausência de trabalho de base das esquerdas partidárias nos territórios, que cada vez mais só se preocupam com votos durante pleitos eleitorais, é um deles. Falta escuta e diálogo das legendas de esquerda com os movimentos de base favelada e periférica. Falta reconhecimento e valorização da potência e capacidade de organização política que detemos. Estamos em um momento decisivo para nossas vidas e das famílias que vivem nas margens das cidades, e nesta conjuntura precisamos eleger Guilherme Boulos prefeito, figura que gera identificação e representatividade com a classe trabalhadora. Por outro lado, é urgente o protagonismo periférico dentro da política institucional, para gerar mudanças estruturais, que sabemos que nunca virão da parte daqueles que aprofundam as desigualdades e atualizam a manutenção de seus privilégios. Integrantes do Movimento estão ajudando na renovação deste velho sistema político que beneficia as elites, lutando por mais espaço para mulheres, homens e jovens. Ocupar a política com mandatos coletivos ou individuais tem sido uma alternativa viável. Há um caminho inovador em curso importante acontecendo no Brasil com pautas que historicamente a esquerda defende, como, a luta contra fome, a luta por melhores condições de trabalho, moradia, causa indígena, equidade racial, emergência climática, saúde, cultura etc. Pautas que são defendidas por jovens lideranças de partidos como o PT e o PSOL, que inclusive foram eleitos este ano para vereança. Nós, desde o ato que marcou a entrega da nossa Carta Manifesto, intitulada “Coletivos Culturais das Periferias com Dilma”, estamos apontando caminhos e soluções para a transformação social da cidade. Seguimos organizando práticas políticas coletivas e tecnologias sociais, como no exemplo do projeto UniDiversidade de Saberes que desde 2017 está em diversos territórios periféricos da Capital, refletindo junto aos moradores, coletivos e movimentos a cidade que queremos, de maneira genuinamente ancestral, como era feito nos quilombos. Outros movimentos populares também vem fazendo boas reflexões pautando o direito e o acesso à cidade.

O Movimento Cultural das Periferias mostrou que é possível mobilizar e inovar a política pautando o orçamento público municipal da cultura, ao ter escrito e aprovado a Lei de Fomento às Periferias em 2016. Uma importante estratégia usada pela direita para fortalecer suas bases, deverá também ser usada pela esquerda com uma unidade de ação no uso ético do dinheiro público na forma de emendas parlamentares. As emendas parlamentares federais, por exemplo, contam com um orçamento de 40 bilhões de reais por ano e que os partidos de esquerda utilizam sem método e perspectiva transformadora. Nossa proposta é criar um circuito permanente entre movimentos e organizações da sociedade civil para fortalecer a rede de proteção em defesa da cidadania, com formação política de massas. Pautar as emendas parlamentares pode ser uma maneira de ampliação do nosso discurso em defesa do óbvio, pela vida. Outra possibilidade é aproveitar a

articulação com o Minc via Conselho do Lula e Comitê Nacional de Cultura, para ajudar a ampliar as articulações com as periferias do país de forma unificada pensando em 2026. Por pouco não tivemos dois partidos contra o povo no segundo turno, e a esperança continua no horizonte. Sabemos que não será uma disputa nada fácil, mas também sabemos que não é impossível garantir ainda neste pleito um governo progressista com Guilherme Boulos. Vamos seguir lutando para ganhar as eleições, para que em 2025 tenhamos uma gestão com participação popular e quem sabe pela primeira vez na história os movimentos culturais poder indicar o secretário ou secretária e sua chefia de gabinete, e assim poder ver o Sistema Municipal de Cultura com Conselho, Plano e Fundo efetivados. Nossa crítica é consciente! É parte da dívida histórica que as elites possuem com nossos corpos violados desde 1500. Queremos receber e vamos cobrar. Nossa memória é viva! Vamos construir o Quilombo dos sonhos do povo! Nossos passos vêm de longe, é nós por nós, sempre!

São Paulo, 16 de Outubro de 2024